

O CENTRO DE TREINAMENTO PARA PROFESSORES DE CIÊNCIAS DO ESTADO DA GUANABARA: CONCEPÇÕES E MODELOS PARA A FORMAÇÃO E A PROFISSÃO DOCENTE (1965 – 1975)

THE GUANABARA SCIENCE TEACHER TRAINING CENTER: CONCEPTIONS AND MODELS FOR CONTINUING EDUCATION AND THE TEACHING PROFESSION (1965 – 1975)

Rodrigo Cerqueira do Nascimento Borba¹

Universidade Federal Fluminense – UFF

Sandra Escovedo Selles²

Universidade Federal Fluminense – UFF



Faculdade de
Educação

Faced | Ufam

Resumo

O presente artigo focaliza uma instituição educacional fundada para a formação continuada de professores de disciplinas científicas escolares, o Centro de Treinamento para Professores de Ciências do Estado da Guanabara (Cecigua). Acionando informações e reflexões originadas de uma pesquisa que permeia os campos da História da Educação e do Currículo, os objetivos deste texto são explorar e analisar as concepções, os processos e os modelos formativos elaborados e disseminados no Cecigua, bem como situar os principais sujeitos que atuaram na construção e consolidação deste espaço formativo. Investe-se no debate sobre o diálogo que o Cecigua produziu com o “Movimento de Renovação do Ensino de Ciências”. Este se caracterizou como um conjunto de discursos e ações que promoveram fortes inovações curriculares para as disciplinas científicas escolares e induziram novos padrões para a formação e a profissão docente nas décadas de 1960 e 1970. Reportagens que circularam na imprensa não

¹ Doutorando em Educação na Universidade Federal Fluminense. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisador associado ao Grupo de Pesquisa Currículo, Docência e Cultura (CDC/UFF/CNPq). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4504-5793>. E-mail: rodrigocnb@gmail.com.

² Doutora em Science Education pela University of East Anglia. Professora titular da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Membro do CA-Ed e bolsista 1-C de Produtividade no CNPq. Cientista do Nosso Estado pela FAPERJ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7921-0478>. E-mail: escovedoselles@gmail.com.



pedagógica e documentos do acervo do Memorial do Ensino de Ciências foram cotejados como principais fontes históricas neste estudo. Campos (2012) e Luca (2008) forneceram subsídio metodológico para o trabalho com os periódicos, enquanto Vieira, Peixoto e Khoury (2000) balizaram a análise documental em perspectiva histórica. Por fim, pondera-se que as atividades desenvolvidas no Cecigua contribuíram de modo decisivo para o fortalecimento de abordagens didáticas experimentais ancoradas a um dado método científico, enquanto simultaneamente ofereciam outras possibilidades formativas, relacionadas a diferentes tradições curriculares.

Palavras-chave: História da Educação; Currículo; Ensino de Ciências.

Abstract

This article focuses on an educational institution founded for the education of science teachers: the Guanabara State Training Center for Science Teachers (Centro de Treinamento para Professores de Ciências do Estado da Guanabara - Cecigua). The theoretical base of the research lies on dialogues between the fields of History of Education and the Curriculum. The article explores and analyzes conceptions and processes of in-service training of science teachers developed and disseminated by Cecigua, and also highlights the main subjects that acted in the construction and consolidation of this educational institution. Cecigua activities were developed in the context of the “Science Education Innovation Movement”, which was characterized by the production of discourses and activities targeting curricular innovations for school scientific subjects. As a result these activities led to new standards both for teachers’ training and the teaching profession in the 1960s and 1970s. Reports that circulated throughout non-educational press and documents from the Science Teaching Memorial were searched as the main historical sources of this study. Campos (2012) and Luca’s (2008) work with journals provided methodological support for the study, whereas Vieira, Peixoto and Khoury (2000) guided the documentary analysis from a historical perspective. Finally, the research stresses that the activities developed by Cecigua contributed to strengthen school lab activities anchored by the scientific method. At the same time Cecigua played a role in other teacher training possibilities, related to different curricular traditions.

Keywords: History of Education; Curriculum; Science teaching .

INTRODUÇÃO

Em um texto já considerado clássico para o campo da História da Educação, Clarice Nunes (1992) argumenta em prol da configuração de novas abordagens teórico-metodológicas no debate de temas consagrados pela historiografia da Educação. De acordo com a autora, a formulação de novas questões de pesquisa para o que denomina como *velhos objetos* é importante para a construção





de um permanente movimento capaz de desestabilizar certezas históricas e tensionar representações cristalizadas sobre o passado.

Além disso, estudos em perspectiva histórica sobre as disciplinas escolares vêm operando deslocamentos de certezas e contando outras histórias sobre seus processos constitutivos. Diferentes aportes, escalas de análise variáveis e fontes inéditas têm modulado questões e configurado novos objetos de pesquisa, impelindo investigadores a mirarem processos históricos, narrativas, instituições e sujeitos cada vez mais distintos.

Especialmente no que tange à trajetória da disciplina escolar Ciências, Ayres e Selles (2012) pontuam a demanda por novos estudos sobre a formação docente que focalizem concepções e modelos formativos em uma interface que contemple dimensões macrossociais. As referidas autoras argumentam que os professores são os principais alvos das políticas educacionais em momentos de reformas e transformações nas demandas por escolarização, tanto em modelos de formação inicial em nível superior, quanto em propostas de formação continuada. De acordo com Krasilchik (2000) e Ayres e Selles (2012), a compreensão dos processos históricos de formação docente direcionada ao ensino de Ciências carrega o desafio de considerar as particularidades que foram sendo produzidas pelas diferentes propostas curriculares para essa disciplina escolar a partir de sua articulação estreita com as ciências de referência e a sociedade.

Instigados por essa advertência, elegemos como foco privilegiado de nossas análises uma instituição que se consolidou enquanto fértil espaço de sociabilidade, se somando a outros que carregavam a ambição de formar o “bom” professor de Ciências para uma “nova” sociedade brasileira ao longo das décadas de 1960 e 1970. Trata-se do Centro de Treinamento para Professores de Ciências do Estado da Guanabara (Cecigua), instituição fundada em 1965 e que ainda hoje se encontra em funcionamento, tendo sido renomeada como Centro de Ciências e Educação Superior à





Distância do Estado do Rio de Janeiro (Cecierj) após profundas transformações.

Os objetivos principais deste artigo são explorar e analisar os processos formativos produzidos pelo Cecigua desde sua inauguração até o fim da vigência do estado da Guanabara, em 1975, voltados a docentes de Ciências. O recorte temporal se justifica pelo intenso diálogo do Cecigua com um movimento que propôs inovações curriculares às disciplinas científicas, com ápice nesse intervalo.

Dada a complexidade dessa instituição social, que carregava características próprias e autonomia pedagógica e cultural, nosso trabalho se encontra na interface entre estudos sobre a História dos Currículos com a História da Educação. Isso decorre do fato de não consideramos ser possível apartar os dois campos de investigação quando inquirimos as produções do Cecigua no que tange à formação e à profissão docente em Ciências.

Por outro lado, esses esforços atendem às reflexões feitas por Xavier (2013) quando sinaliza a necessidade de se vislumbrar os projetos que conformam as instituições educacionais e a invenção de seus profissionais enquanto processos que envolvem construções mediadas por múltiplas ações do Estado e de movimentos sociais, por exemplo. Ressalta-se ainda que o exame das condições de formação e trabalho docente frente aos impactos da massificação da educação escolar traz questões sobre as culturas das instituições educativas, seus modos de organização, bem como suas tradições herdadas e instituídas. Tais indagações nos provocam a compor um olhar amplo sobre fatores de desenvolvimento profissional docente diante de novas demandas sociais, políticas de Estado e anseios individuais que marcam cada tempo histórico.

As principais fontes acionadas neste estudo são notícias que circularam em jornais da grande imprensa carioca entre as décadas de 1960 e 1970 e documentos do Cecigua localizados no acervo do Memorial do Ensino de Ciências da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). As considerações de Campos (2012) e Luca (2008) forneceram subsídio metodológico para o trabalho com os periódicos,





enquanto Vieira, Peixoto e Khoury (2000) balizaram os procedimentos de análise documental em perspectiva histórica.

No presente artigo, a fundação e as ações do Cecigua são reconhecidas e contextualizadas no âmbito de um movimento curricular que marcou profundamente as iniciativas do Centro na década de 1970. Assim, argumentamos que a atividade desenvolvida no Cecigua provocou desdobramentos para os currículos de Ciências que contribuem para pensar as relações entre formação docente e práticas curriculares. O artigo evidencia algumas pistas para alicerçar a contação de outras histórias sobre instituições educacionais e sujeitos que desempenharam papéis relevantes na constituição histórica do campo do Ensino de Ciências, especialmente no contexto carioca.

O ADVENTO DO CECIGUA EM MEIO ÀS DISPUTAS PELO “BOM” ENSINO DE CIÊNCIAS

Mendonça *et al.* (2006) discutem a singular relação existente entre o pragmatismo e o desenvolvimentismo nas políticas e práticas educacionais do Brasil entre as décadas de 1950 e 1960. Para os autores, a conjuntura sociopolítica global após a Segunda Guerra Mundial levou países de economia periférica, como o Brasil, a procederem com ajustes educacionais e sociais capitaneados por suas elites políticas e intelectuais visando adequações à nova lógica mundial.

Tais mudanças político-econômicas também impactaram a disciplina escolar Ciências, gerando profundas transformações. Elas trouxeram maior destaque e reconhecimento às temáticas relacionadas ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia, sugerindo mudanças nas práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas. Novos materiais didáticos, como livros e itens para atividades em laboratório, passaram a enfatizar a adoção do método experimental nas aulas, visto que, muitas vezes, os estudantes não





desenvolviam atitudes entendidas como “científicas” quando confrontados com temas e problemas propostos pelos programas escolares (AZEVEDO, 2020; CASSAB, 2015).

Os apelos ao desenvolvimento bélico e à corrida espacial no contexto da Guerra Fria intensificaram as críticas ao distanciamento do Ensino de Ciências para com as vocações científicas, dada a necessidade de ampliação do quadro de cientistas disponíveis para essas atividades. Tais críticas reforçaram alguns pressupostos didático-metodológicos que vinham sendo encorajados como opção de mudança em um amplo processo de reforma curricular iniciado nos Estados Unidos da América (EUA) e estendidos a outros países do bloco capitalista. A partir do final da década de 1950, investimentos estadunidenses na formação científica escolar e na formação continuada de professores das disciplinas científicas resultaram em projetos direcionados ao ensino de Física, Química, Biologia e Matemática³, visando assegurar a hegemonia estadunidense no desenvolvimento científico e tecnológico (KRASILCHIK, 2000). Tais políticas para formação e profissão docente foram assimiladas e ressignificadas nos países sob influência econômico-cultural dos EUA, dentre eles o Brasil (AZEVEDO, 2020).

O argumento central da reforma estadunidense era o de que o alegado método científico deveria ser empregado nas escolas, pois assim os estudantes estariam mais aptos a lidar com questões relacionadas à ciência e tecnologia. Seguindo este ideário, teve lugar o que a literatura convencionou denominar como “Movimento de Renovação do Ensino de Ciências” (MREC), que se posicionou na interface entre os processos de institucionalização da ciência brasileira e de modernização da escola secundária. Deste modo, aproveitando a ampliação do espaço destinado às disciplinas

³ Esses projetos se tornaram conhecidos pela “sopa alfabética” das suas siglas: *Physical Science Study Committee (PSSC)*, *Biological Science Curriculum Study (BSCS)*, *Chemical Bond Approach (CBA)* e *Science Mathematics Study Group (MSG)*, direcionados respectivamente às disciplinas escolares Física, Biologia, Química e Matemática, com ampla produção de materiais didáticos.





científicas nos currículos escolares⁴ ocorrida nos anos de 1960, tal Movimento centrou seus esforços no exercício escolar de um método científico que culminasse na formação de um “espírito crítico” direcionado pela lógica da tomada de decisões baseada nas/pelas disciplinas científicas (CASSAB, 2015).

Por meio de *slogans* e propostas como a “Ciência posta em prática”, o “método da redescoberta” ou a “metodologia de projetos”, a solução dos problemas científicos e tecnológicos brasileiros seria formulada e executada pelo ensino de uma ciência tida como atividade investigativa neutra, experimental, racional, controlada, replicável e isenta de julgamentos (MARANDINO, SELLES e FERREIRA, 2009). Assim, formou-se certo consenso, reforçado por associações científicas, universidades e pesquisadores de destaque, de que o “bom” ensino de Ciências na escola seria aquele que transformasse estudantes em jovens cientistas.

Simultaneamente ao fortalecimento retórico do MREC, instituições para a formação de professores imbuídas de um espírito também “renovador” foram criadas ou assumiram maior destaque. Coube ao Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (Ibccc⁵), à Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências (Funbec⁶) e aos Centros de Ciências, fundados neste período, promover a oferta de modelos formativos voltados ao combate à educação livresca. Tais espaços se notabilizaram, dentre outras coisas, pela produção e distribuição de manuais e materiais didáticos sobre experimentação e aulas práticas em laboratório (LORENZ, 2004).

⁴ A Lei 4.024/1961, primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), permitiu que a disciplina escolar Ciências passasse a ser oferecida desde o primeiro ano do Ensino Ginásial. Além disso, tal legislação possibilitou o aumento da carga horária de Biologia, Química e Física no Curso Colegial.

⁵ Em 1946 foi formada a comissão para criação do Ibccc como agência da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Porém, sua institucionalização ocorreu apenas em 1952 e o início da produção de equipamentos e materiais, em 1954 (ABRANTES, 2012).

⁶ Segundo Abrantes (2012), a Funbec foi criada em 1966 por iniciativa da seção paulista do Ibccc para comercializar, especialmente, os materiais produzidos nos Centros de Ciências.





Doravante, por intermédio da Diretoria de Ensino Secundário do Ministério de Educação e Cultura (DES/MEC), em 1965 foram criados seis Centros de Ciências nas capitais dos seguintes estados: São Paulo (Cecisp), Guanabara (Cecigua), Bahia (Protap), Pernambuco (Cecine), Rio Grande do Sul (Cecirs) e Minas Gerais (Cecimig) (VEIGA, 2007). Conforme ressaltam Abrantes (2012), apenas o Cecirs e Cecigua não foram vinculados institucionalmente a universidades no momento de suas fundações. Neste último caso, o Centro foi atrelado à Secretaria de Educação e Cultura do estado da Guanabara (CORREIO DA MANHÃ, 15 de jul. de 1996, segundo caderno, p.3).

AÇÕES INICIAIS DO CECIGUA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM SERVIÇO

Inaugurado em 19 de junho de 1965 com sua sede localizada nos fundos do Colégio Estadual João Alfredo⁷, no bairro de Vila Isabel e próximo ao Hospital Pedro Ernesto, da Universidade do Estado da Guanabara (UEG) - atual UERJ -, o Cecigua deveria também contemplar a formação em serviço de professores de Ciências do estado do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. Fundado com autonomia científica, didática, técnica e administrativa e integrado ao Fundo Estadual de Educação e Cultura da Guanabara, o Cecigua seria dirigido por um conselho composto por seis membros: três indicados pelo secretário de educação, dois representantes do MEC e um representante das universidades sediadas no estado da Guanabara (CORREIO DA MANHÃ, 09 de nov. de 1972, primeiro caderno, p. 14). Segundo Veiga⁸ (2007), os primeiros presidentes do

⁷ De acordo com Valla e Ferreira (2012), houve uma tentativa frustrada para que o Centro fosse instalado nas dependências do Museu Nacional.

⁸ A professora Marly Cruz Veiga da Silva assumiu a presidência do Cecigua em 1975 e permaneceu no comando do Centro até 1983. Cabe ressaltar que ela chegou à instituição na condição de professora-estagiária e depois passou a integrar a equipe docente a convite das lideranças do Cecigua. As narrativas autobiográficas





Centro foram respectivamente os professores Ayrton Gonçalves da Silva, Newton Dias dos Santos e Fritz de Lauro.

Em nossas buscas no acervo documental do Memorial do Ensino de Ciências da UERJ, localizamos o primeiro boletim do Cecigua. Datado de setembro de 1968, o exemplar é iniciado com uma seção destinada a explicar o porquê do Centro existir, onde se argumenta:

A importância indiscutível do ensino das Ciências Experimentais na fase atual de expansão industrial e as deficiências verificadas no seu ensino nas escolas de nível médio foram os fatores que levaram a diretoria do ensino secundário a promover em todo o Brasil a instalação dos centros de treinamento para professores de ciências (CECIGUA, 1968, p.1).

É válido observar o acionamento do termo “Ciências Experimentais” como sinônimo para “Ciências da Natureza”, o que conota a ênfase na perspectiva do ensino de Ciências orientado pela experimentação, discurso que se notabilizou sob aquelas circunstâncias por meio das ações do MREC (SELLES, 2009; AZEVEDO, 2020). Além disso, localizamos uma notícia onde era afirmado que os cursos e estágios do Cecigua seriam capazes de auxiliar professores com quaisquer dificuldades para se manterem atualizados sobre conteúdos e métodos *adequados* ao ensino de Ciências. A reportagem mencionava a relevância de se trabalhar bem as ciências experimentais nas escolas com fins de promoção da expansão industrial do país (CORREIO DA MANHÃ, 14 de set. de 1966, segundo caderno, p.3).

Mais um indício da importância conferida no Cecigua à abordagem experimental reside no tema da aula inaugural de um curso de aperfeiçoamento para professores de Ciências, proferida pelo professor Ayrton Gonçalves da Silva em abril de 1967: “Problemas sobre o ensino experimental de Ciências” (CORREIO DA MANHÃ, 29 de mar. de 1967). Sendo um projeto audacioso a ser desenvolvido de modo exemplar para que se tornasse referência para

presentes em textos redigidos a partir de suas memórias (VEIGA, 2001; 2007; 2009), constituem importantes fontes sobre o Cecigua.





a docência em Ciências, o Cecigua contava com objetivos específicos delimitados e elencados logo na primeira página do Boletim localizado. Na imprensa, os principais objetivos que circularam foram aqueles relacionados ao fomento de permanente atualização nos conteúdos e métodos para o ensino de Ciências nos estados da Guanabara, Rio de Janeiro e Espírito Santo (CORREIO DA MANHÃ, 15 de jul. de 1966, segundo caderno, p. 3). Especial ênfase no método da redescoberta⁹ era anunciada (CORREIO DA MANHÃ, 25 de ago. de 1966, segundo caderno, p.3).

Deste modo, o Cecigua foi fundado para ensinar aos professores de Ciências como trabalhar com abordagens didáticas consideradas boas e modernas, disseminando e reforçando os padrões curriculares preconizados pelo MREC. Nessas bases, o Cecigua se comprometia com a formação de gerações de professores, principalmente de escolas públicas, ecoando diretrizes que continuaram a exercer influência em livros e materiais didáticos. Cabe ressaltar que, no ápice de suas ações, seus cursos de aperfeiçoamento em Ciências, Biologia, Física e Geociências serviam para certificar docentes “autorizados” a lecionar disciplinas dessas áreas no 2º grau, mas que não tinham formação superior em Faculdades de Filosofia ou Educação no estado do Rio de Janeiro. Os cursos eram prioritários para professores da rede pública, mas aqueles atuantes em instituições privadas também poderiam pleitear vagas.

Nesses casos, o docente matriculado em atividades do Cecigua que faltasse às aulas poderia receber punições como a perda de autorização para ensinar. A mediação entre professores e o Centro cabia ao Departamento de Ensino Médio e Superior do estado do Rio de Janeiro, situado em Niterói. Mas os cursos também ocorreram em cidades como Barra Mansa e Barra do Piraí, distantes da então capital

⁹ Segundo o ensino por redescoberta, a reprodução das práticas científicas na escola melhoraria o aprendizado nas aulas de Ciências. Baseando-se em uma visão monista de método científico, propunha ensinar aos estudantes como formular questões, buscar evidências e avaliar os resultados de suas próprias investigações, para que “descobrissem” os conceitos teóricos básicos da ciência.





do estado (CORREIO DA MANHÃ, 23 de dez. de 1969, primeiro caderno, p.14; JORNAL DO BRASIL, 18 de dez. de 1972, primeiro caderno, p. 17; DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 06 de jun. de 1973, p. 19). Outra evidência do protagonismo que o Cecigua construiu está relacionada à docência no estado da Guanabara. Quem realizava cursos na instituição recebia pontos nas avaliações que definiam quem conseguiria reotação de suas unidades escolares. A pontuação conferida aos professores que concluíram cursos no Cecigua coincidia a daqueles que estivessem cursando Licenciatura Curta (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 01 de mar. de 1974, p. 18).

Conforme informa Veiga (2001; 2009), os primeiros cursos e estágios do Cecigua foram oferecidos para docentes da rede pública do estado da Guanabara selecionados dentre os aprovados em um concurso público realizado em 1962. A seleção era feita pela equipe responsável mediante uma análise do perfil de cada postulante às vagas. Isso talvez explique por que cada professor no momento de se candidatar a um curso ou estágio deveria encaminhar seu *curriculum vitae* no ato da inscrição (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 12 de dez. de 1965, quinta seção, p. 1 - 3).

Nas atividades e nos estágios ministrados pela instituição, os cursistas passariam por formações teóricas e sobretudo práticas para a realização de aulas em campo com excursões, elaboração de avaliações, produção de materiais didáticos improvisados, criação de animais para uso em aulas práticas, organização de coleções zoológicas e herbários e montagem de hortas e jardins didáticos. Em 1967, após ter se consolidado como uma espaço formativo para professores de Ciências no estado da Guanabara ao longo de seus dois primeiros anos de funcionamento, o Cecigua passou a investir em um movimento de interiorização de suas ações rumo aos estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo (VEIGA, 2007).

Os cursos de férias geralmente tinham 120 ou 320 horas de duração, enquanto cursos para professores em serviço eram mais curtos, abordando temas específicos e mantendo uma carga horária de 45 ou 60 horas. A preferência sempre era dada para docentes já





formados e em exercício da profissão. Ao longo dos seis primeiros anos de funcionamento, o Cecigua recebeu 3.444 matrículas (CORREIO DA MANHÃ, 20 de mar. de 1971, p. 8). Para certificação, os cursos de metodologias e práticas, assim como os estágios, costumavam exigir frequência integral, realização de provas e verificação do trabalho desenvolvido junto aos estudantes vindos de escolas públicas do centro da Guanabara quando as atividades se realizavam em turmas experimentais (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 02 de set. de 1973, p. 25).

Contudo, o processo de afirmação do Cecigua enquanto instância de formação docente continuada se desenrolou a partir de uma organização que oferecia diversas oportunidades e atrativos para os professores. Muitos anúncios de cursos e estágios eram veiculados na imprensa, algumas vezes nas seções dos classificados e com os mesmos dizeres em jornais diferentes. Portanto, parece-nos que o Centro, além de contar com recursos que possibilitavam a realização de amplas propagandas, ainda possuía um cuidado logístico na elaboração de canais de comunicação com a categoria docente, buscando alcançar professores com trajetórias e sociabilidades distintas a partir de convocações e convites em massa na imprensa.

Outro fator que contribuiu para que o Cecigua se fortalecesse era a oferta de bolsas a professores formados que realizassem alguns cursos e estágios de maior duração para aperfeiçoamento na instituição. Não foram poucos os anúncios encontrados relativos a bolsas condicionadas à realização de cursos e estágios no Centro. Aliás, em uma reportagem sobre bolsas de estudo para professores de Química, verificamos que essa iniciativa almejava incentivar “o interesse pelo ensino da química, de acordo com a moderna orientação” (CORREIO DA MANHÃ, 29 de jun. de 1966, segundo caderno, p. 3). Parcerias com outras instituições fora do estado da Guanabara também viabilizaram cursos e estágios para além de suas circunscrições administrativas. Nesse bojo, destacamos cursos remunerados ocorridos em Barbacena, fruto de uma parceria com o





Cecimig e a Escola Preparatória de Cadetes do Ar, local onde os cursistas poderiam ficar gratuitamente alojados (CORREIO DA MANHÃ, 18 de mar. de 1967, segundo caderno, p. 3; 30 de jun. de 1968, primeiro caderno, p. 23).

Iniciativas para congregar professores de diferentes disciplinas científicas a fim de discutir e partilhar reflexões sobre os problemas metodológicos do ensino de Ciências também foram empreendidas. O Cecigua foi palco de ações diversas: desde reuniões com direções de escolas secundárias para debater e idealizar o ensino das “ciências experimentais” por intermédio da Inspeção Seccional do MEC no estado da Guanabara (CORREIO DA MANHÃ, 13 de nov. 11 de 1966, segundo caderno, p. 7) até seminários na sede da instituição com certificação para os professores de Ciências participantes. Dentre os seminários, destacamos um realizado em parceria com a Inspeção Seccional do MEC na Guanabara. O evento contou com a participação de pesquisadores que se destacavam no cenário científico brasileiro: Newton Dias dos Santos, Fritz De Lauro, Pierre Lucie, Oswaldo Frota-Pessoa, Ernesto Tolmasquim, Mário Di Lucia Castillo, Ayrton Gonçalves da Silva, Luis Macedo, Manoel Moraes, Guiomar Gomes de Carvalho, Idalina Lima e Cândido Oromar Figueiredo Vieira.

Inicialmente projetado para ocorrer em dois dias e no espaço do próprio Cecigua, o seminário precisou ser transferido para o anfiteatro da Escola Argentina, instituição vizinha ao Colégio Estadual João Alfredo, e ganhou mais um dia de duração na programação (CORREIO DA MANHÃ, 27 de nov. de 1966, segundo caderno, p. 7; 03 de dez. de 1966, segundo caderno, p. 3). Cabe ressaltar que muitos dos personagens citados como dinamizadores do seminário eram retratados pela imprensa como aguerridos atuantes do Cecigua na condição de palestrantes, supervisores de estágios e docentes de cursos.

Ayres e Selles (2012) assinalam que a participação de cientistas no MREC trouxe uma leitura particular das relações entre formação docente, ciência e escola, ao mesmo tempo em que foi





essencial para que houvesse confrontos com o projeto ideológico que sustentava as propostas dos “projetos curriculares”. Assim, foi sendo paulatinamente construída uma defesa em prol de uma maior aproximação das ciências de referência também na formação de professores dos ciclos mais iniciais da escolaridade.

Além disso, Ferreira (2014) alerta que outro ponto relevante para essa discussão é a repercussão que o MREC trouxe para as disciplinas escolares Ciências e Biologia. Com seu discurso sobre o ensino experimental, ele contribuiu para cientificizar e conferir maior importância social ao ensino de Ciências ao produzir um novo modelo escolar, no qual ambas as disciplinas puderam ressignificar suas tradições, dialogando com discursos das ciências de referência em um novo contexto sociopolítico e cultural. Enquanto na disciplina escolar Ciências o ensino experimental conquistou tempo e espaço, dialogando com variados sentidos de integração que envolveram historicamente ciências de referência distintas, na disciplina escolar Biologia o fortalecimento de um discurso unificador e modernizador das Ciências Biológicas permitiu que ela ganhasse prestígio nos currículos escolares (SELLES e FERREIRA, 2005). Contudo, nesta disciplina escolar foi se consolidando outro discurso, mais cientificizado e menos integrado do que aquele que foi sendo forjado para a disciplina Ciências.

Para além das Ciências da Natureza, o Cecigua também passou a oferecer atividades prioritariamente dedicadas a docentes de Geografia. Cursos como “Solos do Brasil”, “Ciências da Terra”, que contou uma conferência intitulada “Um pouco da História da Terra” e “Minérios do Brasil”, começaram a ser ofertados no Centro (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 23 de ago. de 1968, primeira seção, p. 13; CORREIO DA MANHÃ, 03 de mai. de 1968, segundo caderno, p. 6; JORNAL DO BRASIL, 01 de mai. de 1968, classificados, p. 3; DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 21 de mai. de 1969, primeira seção, p. 10). Além desses, um curso de Meteorologia para professores de Ciências e Geografia em parceria com o Escritório de Meteorologia do Ministério da





Agricultura também foi disponibilizado (CORREIO DA MANHÃ, 22 de out. de 1968, segundo caderno, p. 3).¹⁰

Preocupações mais amplas sobre o trabalho docente, para além da experimentação em suas disciplinas escolares, também estiveram presentes. Por exemplo, uma palestra sobre meios e técnicas audiovisuais de comunicação aplicáveis ao ensino das Ciências foi proferida por Manuel Ribeiro de Moraes já adiantando uma preocupação com o uso pedagógico de recursos tecnológicos que se fortaleceria nas décadas seguintes (CORREIO DA MANHÃ, 14 de out. de 1967, segundo caderno, p. 3). Perdurava, no entanto, a circulação de retóricas que enfatizavam a imprescindibilidade de produção de materiais didáticos sensíveis à realidade das escolas brasileiras e à capacitação docente, tanto inicial quanto continuada, com foco no ensino experimental e no trabalho com método científico como fatores para o desenvolvimento nacional (CASSAB, 2015). Tais aspectos do ensino das disciplinas científicas fortaleceram o cunho tecnicista das ideias e práticas pedagógicas que circulavam pelo cenário educacional.

O CECIGUA NO INÍCIO DA DÉCADA 1970: NOVAS PARCERIAS E PROPOSTAS

Valla e Ferreira (2012) discutem que o período de vigência do Cecigua coincidiu com um cenário favorável à produção de inovações curriculares que dialogavam com as concepções do MREC. Tais ações alicerçaram e fortaleceram processos que culminaram na construção e legitimação de alguns padrões curriculares que acabaram sendo apropriados por diferentes sujeitos e instituições educacionais. O espraiamento das ideias ecoadas no Cecigua tornou-

¹⁰ Nos casos em que a preferência nas inscrições eram dadas aos docentes de Geografia, havia a possibilidade de estudantes universitários ocuparem vagas que ficassem ociosas (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 21 de mai. de 1969, primeira seção, p. 10).





o uma poderosa agência de divulgação de modelos de ensino, embora seus protagonistas tenham deixado marcas específicas em suas produções curriculares, conforme salientam as autoras supracitadas.

Ao se consolidar como ponto de referência para professores de Ciências do estado da Guanabara, do Rio de Janeiro e do Espírito Santos, o Cecigua também se constituiu como um espaço de socialização destinado à veiculação do ideário estadunidense para o ensino de Ciências. Neste ínterim, uma aula intitulada “O Ensino das Ciências nas Escolas Americanas” chegou a ser ministrada por Hécio de Magalhães Souza na instituição (CORREIO DA MANHÃ, 09 de mai. de 1967, segundo caderno, p. 3). Além disso, cursos intensivos para implementação dos “projetos curriculares” de inspiração norte-americana, como o BSSC e o PSSC, foram oferecidos até mesmo para professores universitários, em certos casos (CORREIO DA MANHÃ, 25 de jun. de 1966, segundo caderno, p. 6; 06 de dez. de 1966, segundo caderno, p. 3; DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 12 de dez. de 1965, quinta seção, p. 1).

A elaboração de práticas de ensino de Ciências em sintonia com as prescrições norte-americanas também esteve na pauta de um encontro de educadores específico para professores de Ciências, promovido pelo Cecigua em parceria com o Serviço de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Médio (SADEM), órgão da Secretaria de Educação e Cultura do estado da Guanabara. De acordo com o Diário de Notícias (17 de out. de 1967, primeira seção, p. 10), os temas discutidos neste encontro foram os seguintes para cada disciplina: Ciências: “A teoria atômica em nível elementar”, “A importância das relações humanas professor-aluno”, “Ciências Biológicas em nível elementar”, “Testes no ensino de Ciências” e “Problemas gerais do ensino de Ciências”; Biologia: “O vestibular - uma realidade”, “A Biologia como disciplina formativa” e “ Sobre a aplicabilidade do BSCS”; Física: “O currículo de Física na rede estadual”, “O ensino experimental de Física” e “A filosofia do ensino





da Física no 2º ciclo e suas relações com a Universidade”; Química: “Problemas do ensino da Química”.

Outro forte indício de que o CECIGUA foi uma importante instância para se pensar e formular os currículos reside em sua participação no Ciclo de Palestras sobre Educação promovido Faculdade de Filosofia e Educação da UEG. Ao total, foram convidadas 15 instituições dentre colégios públicos e privados, Sistema S e órgãos ligados ao MEC. Cada uma delas teve 50 minutos para defender sua tese sobre a educação e 20 minutos para o debate com um relator (CORREIO DA MANHÃ, 31 de jul. de 1969, segundo caderno, p. 3; DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 31 de jul. de 1969, primeira seção, p. 11).

A participação do Cecigua nos debates curriculares pareceu se acentuar desde então. Podemos considerar este um sinal de que os processos de valorização social da ciência possibilitaram à comunidade de cientistas do país utilizar seu *status* para se tornar uma interlocutora privilegiada das proposições de políticas curriculares para o Ensino de Ciências, conforme indicado por Selles (2009). Em 1973, Ivonne Fernandes Tempone, apresentada como diretora da Instituição pelo Diário de Notícias, afirmou que o Centro estava colaborando com o Instituto de Pesquisas Educacionais do MEC para a elaboração do currículo das disciplinas científicas para o 1º e 2º graus, período de implementação de Lei n. 5692/1971. De fato, no ano seguinte à promulgação da Lei de Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º Graus, o Cecigua já dava pistas de que trabalharia a favor de sua viabilização, quando lançou o Projeto 3.

O Projeto 3 foi um conjunto de formações direcionadas aos professores de 1º grau como parte do Plano de Implantação da Reforma de Ensino do estado da Guanabara, que objetivava realizar as mudanças propostas pela Lei n. 5692/1971. Diversas instituições participaram do Projeto 3 e o CECIGUA ofereceu inicialmente um curso sobre metodologias para o “Professor polivalente de Ciências” em parceria com a SADEM (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 21 de mai. de 1972, segundo caderno, p. 7). Além disso, outros cursos foram





disponibilizados: “Orientação e Navegação dos Animais”, “Audiovisual”, “Petrografia” e “Astronomia” (JORNAL DO BRASIL, 04 de dez. de 1972, classificados - p. 3). Este último resultou de uma parceria entre o CECIGUA e o Observatório do Valongo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CORREIO DA MANHÃ, 30 de dez. de 1972, primeiro caderno, p. 3). Cursos de “Solos e Adubação” e de “Floricultura” ministrados também compuseram o leque de opções (JORNAL DO BRASIL, 10 de dez. de 1972, classificados, p. 11).

Outro aspecto a ser abordado sobre a relação do Cecigua com o governo federal está relacionado ao Programa de Expansão e Melhoria do Ensino (PREMEN) lançado na década de 1970. De acordo com Veiga (2007), a produção e a circulação de materiais didáticos pelo Cecigua foram beneficiadas por essa relação. O PREMEN foi subsidiado pela *United States Agency for International Development* (USAID)¹¹ e pelo MEC, financiando projetos de ensino elaborados por diferentes instituições brasileiras entre 1972 e 1978 (FRACALANZA, 2009). Localizamos, por exemplo, que um curso sobre o “Laboratório Polivalente”, idealizado pela equipe do PREMEN e Funbec, foi realizado em parceria com o CECIGUA (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 11 de mar. de 1974, p. 6). Segundo Lorenz (2004), a criação do PREMEN estava em sintonia com a percepção do Ensino de Ciências como importante fator para o desenvolvimento nacional.

No início da década de 1970, as iniciativas de oferecer cursos genuinamente elaborados no Cecigua arrefeceram. O professor José Lôbo Junqueira comentou na imprensa sobre dificuldades vividas pela instituição mesmo diante do processo de interiorização da oferta de seus cursos. De acordo com o professor, o Cecigua contava somente com quatro professores efetivos formados em Biologia e História Natural, nenhum em Física ou Química (CORREIO DA MANHÃ, 20

¹¹ Agência norte-americana ideologicamente alinhada com o ditadura civil-militar brasileira. A USAID fornecia incentivos financeiros e técnicos dirigido a mudanças nas estruturas educacionais do Brasil, enquanto promovia um concepção de educação intensamente voltada para o trabalho e para a profissionalização do ensino (CUNHA, 2014).





de mar. de 1971, p. 8). Ademais, havia a necessidade de ampliação de espaços e de vagas para docentes, pois a demanda de candidatos era maior que a de vagas nos cursos e estágios organizados pelo Cecigua. Convênios com o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas para uso de laboratórios e cessão de professores, bem como com a Fundação Souza Marques que enviava professores para cursos não gratuitos, foram algumas alternativas encontradas (CORREIO DA MANHÃ, 20 de mar. de 1971, p. 8). Nesse cenário, outra parceria relevante foi firmada com a Associação de Professores de Ciências (APC), entidade criada a partir da realização de um dos objetivos do Cecigua no momento de sua fundação. O Cecigua atuava principalmente cedendo seus espaços e sua infraestrutura como apoio a outras iniciativas dessa entidade, ratificando seus empreendimentos cooperativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscamos categorizar o Cecigua como espaço para formação profissional continuada de professores de Ciências que contou com significativo apoio financeiro e simbólico do estado. Evidenciamos que diferentes ações, atrativos e discursos foram empreendidos pela instituição, de modo que a mesma acabou se consolidando e angariando prestígio nos meios docentes entre as décadas de 1960 e 1970. O Cecigua, então, se configurou como um local de combate ao ensino livresco e memorístico, propondo o enfrentamento das dificuldades associadas ao ensino das disciplinas científicas em função da formação docente deficitária (SELLES e FERREIRA, 2009). Neste sentido, nossas reflexões se aproximam das de Xavier e Lopes (2015) quando argumentam que se conhecer e refletir sobre as experiências de formação docente que trouxeram inovações pedagógicas é importante para a compreensão dos processos de desenvolvimento profissional dos professores





brasileiros, diante das disputas historicamente construídas entre modelos e concepções concorrentes para a formação docente.

Ao lado de seu protagonismo na formação docente, ressaltamos a relação do Cecigua com a imprensa: a instituição soube utilizá-la para produzir e reunir capital simbólico junto à classe professoral, órgãos governamentais e autoridades políticas. Isso ocorria enquanto a instituição prescrevia e orientava os professores quanto aos novos métodos de ensino do “bom” ensino de Ciências e se empenhava para deixá-los a par de todos os recentes acontecimentos nos campos de investigações das ciências de referência (CORREIO DA MANHÃ, 09 de out, de 1966, segundo caderno, p. 10). Ao mesmo tempo, os jornais desempenharam o papel de canais de comunicação do Centro com a diversidade de professores que residiam nos estados da Guanabara, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Cabia ao Cecigua dar recados e avisos sobre o retorno de cursos interrompidos (CORREIO DA MANHÃ, 08 de out. de 1966, segundo caderno, p. 3) e sobre mudanças de datas de aulas (CORREIO DA MANHÃ, 19 de nov. de 1967, primeiro caderno, p. 16), além da propaganda de divulgação de formações, seminários, encontros e outras atividades.

Com o passar do tempo, essa instituição educacional de formação de professores de Ciências passou a sediar inclusive outros eventos nem um pouco relacionados ao trabalho pedagógico com disciplinas científicas. Como exemplo, a realização de cursos do programa de aproximação escola-empresa do Departamento de Ensino Industrial do MEC em parceria com o Centro de Assistência ao Estudante Técnico Industrial na sede do Cecigua (CORREIO DA MANHÃ, 23 de abr. de 1969, segundo caderno, p. 5). Provavelmente isto se deve ao fato de que, com o acirramento da ditadura civil-militar no Brasil e a implementação da Lei 5.692/1971, as disciplinas científicas passaram por transformações profundas e assumiram um caráter profissionalizante direcionado à formação de trabalhadores (CASSAB, 2015). Contudo, as principais ideias dos “projetos renovadores do ensino de Ciências” permaneceram, assim como os





discursos sobre a necessidade de uma integração curricular das Ciências, especialmente na disciplina Ciências (MARANDINO, SELLES e FERREIRA, 2009).

Ivor Goodson (1997) considera que os currículos não são monólitos, mas produções ímpares e mutáveis que resultam de disputas e de pressões que selecionam conteúdos e métodos de ensino, de acordo com as conjunturas sócio-históricas em que se desenvolvem os processos de escolarização e de formação de professores. Desta forma, novas tradições curriculares podem ser inventadas por diferentes sujeitos e instituições educacionais, produzindo inovações pedagógicas capazes de promover mudanças nos currículos. Coube ao Cecigua desempenhar um papel de inventar novas tradições para o Ensino de Ciências ao longo de sua existência a partir do acionamento de discursos e práticas do MREC.

Conforme aponta Veiga (2007), a formação de uma equipe de treinamento em meados dos anos 1960, com professores recém-formados, competentes e muito motivados, serviu para consolidar e ditar de forma duradoura o trabalho de formação de professores elaborada pelo Cecigua. Todavia, não ignoramos distanciamentos operados e a realização de produções curriculares ímpares e contextualizadas de acordo com as demandas locais e os saberes dos sujeitos que atuavam na instituição (VALLA e FERREIRA, 2012). Afinal, concordamos com Azevedo (2020) de que as ações para a melhoria do Ensino de Ciências no Brasil guardam particularidades em relação às iniciativas norte-americanas, ainda que compartilhem o incentivo à valorização social dos conhecimentos científicos.

Em 1975, com a extinção do estado da Guanabara, o Cecigua foi integrado à Fundação Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos do Estado do Rio de Janeiro, passando a se chamar CECI/CDRH. Contudo, a produção e a distribuição de livros e outros materiais didáticos resistiu até 1983, quando transformações políticas alteraram de modo indelével os rumos da instituição e seus propósitos (VEIGA, 2007). Cabe dizer que, à medida que se avolumaram os problemas sociais no mundo, outros valores e outras temáticas foram





incorporadas aos currículos de Ciências (MARANDINO, SELLES e FERREIRA, 2009).

Entretanto, os discursos sobre a necessidade de produção de materiais didáticos sensíveis à realidade das escolas brasileiras e ao treinamento dos professores, ainda que em sintonia com a ênfase no ensino experimental com foco no método científico, continuaram sendo acionados e prosseguem repercutindo em orientações curriculares e demandas da comunidade científica (CASSAB, 2015). Deste modo, revisitar a experiência do Cecigua continua provocando reflexões acerca da mediação possível entre currículo e formação docente.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Antônio Carlos Souza de. **Ciência, Educação e Sociedade**: o Caso do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (ibecc) e da Fundação Brasileira de Ensino de Ciências (FUNBEC). Tese de Doutorado: História das Ciências e da Saúde. FIOCRUZ, 2012.

AYRES, Ana Cléa Moreira; SELLES, Sandra Escovedo. História da formação de professores: diálogos com a disciplina escolar ciências no ensino fundamental. **Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 14, 2012, p. 95-107.

AZEVEDO, Maicon. **Entre a bancada e a sala de aula – A experimentação no período de ouro do Ensino de Ciências**. Curitiba: Appris Editora, 2020.

CAMPOS, Raquel Discini de. No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 12, n. 1 (28), 2012, p. 45-70.

CASSAB, Mariana. O movimento renovador do ensino das ciências: entre renovar a escola secundária e assegurar o prestígio social da ciência. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 8, 2015.

CECIGUA. **Boletim**. 1968.





CUNHA, Luiz Antonio. O Legado da ditadura para a educação brasileira. **Educação & Sociedade** (Impresso), v. 35, 2014, p. 357-377.

FERREIRA, Marcia Serra. Currículo e cultura: diálogos com as disciplinas escolares Ciências e Biologia. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria. (Orgs.). **Currículos, disciplinas escolares e culturas**. 1ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 185-213.

FRACALANZA, Hilário. Histórias do ensino de Biologia no Brasil. In: SELLES, Sandra Escovedo; FERREIRA, Marcia Serra; BARZANO, Marco; SILVA, Elenita Pinheiro De Queiroz E. **Ensino de Biologia: histórias, saberes e práticas formativas**. Uberlândia: EdUFU, 2009, p. 25-48.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Correio da Manhã, Diário de Notícias e Jornal do Brasil pesquisados nos períodos 1960-1969 / 1970-1979**. Rio de Janeiro, RJ: Acervo da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, 2020. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em mai. de 2020.

GOODSON, Ivor. **A Construção Social do Currículo**. Lisboa: Educa, 1997.

KRASILCHIK, Myriam. Reformas e realidade: o caso do ensino das ciências. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n.1, 2000, p. 85-93.

LORENZ, Karl. As reformas do ensino das ciências no ensino secundário brasileiro nas décadas de 1960 e 1970. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, Coimbra, ano 39, n. 1, 2004.

LUCA, Tania. Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, v.1, 2008, p.111-153.

MARANDINO, Marta; SELLES, Sandra Escovedo; FERREIRA, Marcia Serra. **Ensino de Biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos**. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

MENDONÇA, Ana Waleska. *et al.* Pragmatismo e desenvolvimentismo no pensamento educacional brasileiro dos anos de 1950/1960. **Revista Brasileira de Educação** (Impresso), Rio de Janeiro, v. 11, n.31, 2006, p. 96-113.

NUNES, Clarice. História da Educação Brasileira: novas abordagens de velhos objetos. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n.6, 1992, p. 151-182.

SELLES, Sandra Escovedo. Lugares e culturas na disciplina escolar Biologia: examinando as práticas experimentais nos processos de





ensinar e aprender. In: TRAVERSINI, C.; EGGERT, E.; PERES, E.; BONIN, I. (Orgs.). **Trajetórias e processos de ensinar e aprender: práticas e didáticas**. 1 ed. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2009, v. 2, p. 592-617.

SELLES, Sandra Escovedo; FERREIRA, Marcia Serra. Disciplina escolar Biologia: entre a retórica unificadora e as questões sociais. In: Marandino, M.; SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S.; AMORIM, A. C. R. (Orgs.). **Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa**. 1ª ed. Niterói: EDUFF, 2005, v. 1, p. 50-61.

VALLA, Daniela Fabrini.; FERREIRA, Marcia Serra. Currículo de ciências: investigando ações e retóricas do Cecigua nos anos de 1960/70. In: BORGES, Regina Maria Rabello; IMHOFF, Ana Lúcia; BARCELLOS, Guy Barros (Orgs.). **Educação e cultura científica e tecnológica: centros e museus de ciências no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p. 169-183.

VEIGA, M Marly. O Centro de Ciências: uma história “vívda” no século XX. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**. n. 1. 2009, p. 14 - 17.

VEIGA, Marly. De Cecigua a Cecierj, lembranças de uma fundação. **Educação Pública**, 2007. Disponível: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal/materias/0389.html>>. Acesso em mai. de 2020.

VEIGA, Marly. **Transcrição da palestra proferida na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro em 23 de ago. de 2001.**

VIEIRA, Maria do Pilar, PEIXOTO, Maria do Rosário, e KHOURY, Yara. Aun. **A pesquisa em História**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ática, 2000.

XAVIER, Libânia Xavier. Os professores frente à democratização do ensino: a profissão docente como construção histórica. In: FERREIRA, Marcia Serra; XAVIER, Libânia Xavier; CARVALHO, Fábio Garcez de. (Orgs.). **História do Currículo e História da Educação: interfaces e diálogos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Quartet e FAPERJ, 2013. 380p p. 263-284.

XAVIER, Libânia Xavier; LOPES, Sonia de Castro Nogueira. Formação de professores e fortalecimento da escola pública no Brasil (1970 - 1990). In: Teresa González. (Org.). **Templos del saber. Discursos políticos y utopías educativas**. 1ed. Madrid: Mercúrio Editorial, 2015, v. 1, p. 219-250.





Artigo recebido em: 11 de maio de 2020

Aceito para publicação em: 20 de maio de 2020

